



***Metáforas y símbolos en la Historia del Arte***  
***Metáforas e símbolos na História da Arte***  
***Metaphors and symbols in Art History***

José María SALVADOR GONZÁLEZ<sup>1</sup>  
Matheus Corassa da SILVA<sup>2</sup>

O que leva a humanidade, ao longo do tempo, a representar seu mundo, sua realidade e suas ideias por meio de imagens? Qual a motivação que conduz os homens a produzi-las? Figurativas ou abstratas, de algum modo estas elaborações estéticas revelam algo sobre a *condição criativa humana*. Na tentativa de responder a esses e a outros questionamentos é que chegamos ao décimo primeiro número de *Mirabilia Ars*.

A abordagem e a constituição de *metáforas* e de *símbolos* na produção artística é um fato inconteste. Como expressão da linguagem, a Arte nos apresenta tais elementos como uma representação convencional, literária e/ou figurada, de uma ideia ou de um conceito, seja de ordem moral ou intelectual. Numa perspectiva mais ampla, é por meio dessas metáforas e símbolos que as obras de arte, nos seus mais diversos e multifacetados sentidos, são instadas a forjar a *capacidade imaginativa humana*.

O homem, autor e sujeito da Arte, é um ser simbólico, imerso em processos de intelectualização e de racionalização das formas. Na concretização das imagens, reverbera suas experiências diretas com os fenômenos vividos, por meio de acentuações, exageros, distorções, reduções. De *metáforas* e *símbolos*. Escrevera o francês Marc Bloch (1886-1944), em meados do século XX, que a História está intimamente ligada às *ações dos homens no tempo* (e não só no passado).<sup>3</sup> Se for verdade o que disse, a História, mais do que um conhecimento relativo aos seres humanos, é a vivência, em suas múltiplas temporalidades, do *simbolismo* da própria vida.

<sup>1</sup> Profesor de *Historia del Arte Medieval* en el Departamento de Historia del Arte I (Medieval) de la Universidad Complutense de Madrid (UCM). E-mail: [jmsalvad@ucm.es](mailto:jmsalvad@ucm.es).

<sup>2</sup> Historiador e mestre em Artes – área de concentração em *Teoria e História da Arte* – pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: [matheuscorassa@gmail.com](mailto:matheuscorassa@gmail.com).

<sup>3</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (orgs.). *Mirabilia Ars 11 (2019/2)*  
*Metaphors and Symbols in Art History*  
*Metáforas y Símbolos en la Historia del Arte*  
*Metáforas e Símbolos na História da Arte*

Jul-Dez 2019/ISSN 1676-5818

Os seis articulistas desta edição se propuseram a debater o tema, numa envergadura temporal que se estende da Antiguidade egípcia ao século XIX. Todos eles são acadêmicos da Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde desenvolvem suas pesquisas sob a competentíssima batuta do Prof. Dr. José María Salvador González, a quem muito agradecemos por dividir conosco a edição do presente número.

**Ana Diez Flórez** nos apresenta um estudo iconográfico acerca das categorias de *estrangeiro* e *inimigo* na arte egípcia. Em muitas situações, esses conceitos apareciam conectados, uma vez que os estrangeiros, mesmo quando não atacassem os egípcios, eram considerados naturalmente inimigos por serem provenientes do deserto, do ignoto, do desconhecido. Temos, nesse sentido, a íntima relação de uma arte *par excellence* simbólica com as cosmogonias dessa civilização (em especial com os termos *Caos* e *Maat*) e com a necessidade da monarquia faraônica de exercer o controle e o poder numa região caracterizada pelo trânsito dos mais diversos povos.

**Sofia Astiz** prossegue com o Egito Antigo ao tratar da constituição histórico-religiosa e imagética de suas cosmogonias e de sua mitologia. Ao transitar pelas cosmogonias heliopolitana, menfita e hermopolitana, a autora traça elementos em comum, com destaque para a dualidade *vida-morte* e para a posição de destaque que ocupava o faraó. Esses modos de encarar o mundo se projetaram sobre uma produção artística que é, em essência, para a *eternidade*.

**Alejandro Elizalde García** analisa importantes aspectos da arte de Rembrandt (1606-1669), com destaque para os quadros que têm a figura bíblica de Sansão como personagem principal. O pesquisador insere os trabalhos do pintor num contexto de transformações político-religiosas para a Holanda, recém-declarada uma república protestante (calvinista). Em que pese o clima de intolerância (de ambos os lados) presente à época da Reforma e da Contrarreforma, Elizalde García destaca os ventos de liberdade religiosa que sopraram sobre os Países Baixos e que, de algum modo, permitiram a Rembrandt um mergulho na arte religiosa. Fazem-se, ainda, análises iconográficas das obras que trazem Sansão como um duplo símbolo, da força e da fraqueza (após cortarem seus cabelos), sem perder de vista as fontes nas quais se inspirou o pintor e o legado deixado para os pósteros.

**Laura Pascual Pacheco** destaca o tema da *infância* (e as metáforas e simbologias que lhe subjazem) nas pinturas do espanhol Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682). Num tom ensaístico, a autora aborda a constituição imagética das crianças em obras de cunho religioso, em que figuram o Menino Jesus e João Batista, bem como em

pinturas ditas profanas, nas quais ganham destaque as imagens de crianças pobres. Aqui, uma vez mais, a temática central se apresenta como *indício simbólico e/ou metafórico* da pureza e da espontaneidade.

Os dois últimos trabalhos deste número, é importante precisar, extrapolam o escopo temporal da publicação. Em que pese, no entanto, a abordagem de obras do século XIX, os autores tiveram a preocupação em analisar símbolos cujas origens históricas estão em tempos muito mais antigos. Projetam-se na *longue durée* de que nos falava Braudel (1902-1985)<sup>4</sup> e instam seus pesquisadores a transitar pelas múltiplas temporalidades que são próprias da Arte, o *anacronismo das imagens* de Didi-Huberman (1953-).<sup>5</sup>

**Mar Llopis Orive** nos apresenta a *ruína medieval*, símbolo máximo do *Gothic Revival* do Romantismo, nas pinturas de Caspar David Friedrich (1774-1840). Mais que redescobrir as fontes que subjazem a retomada de temas medievais na constituição de uma nova estética, a do *sublime*, o autor insere a produção artística de Friedrich na *Weltanschauung* oitocentista, simbolizada, naquele contexto, pela contemplação do esplendor do passado em contraste com a deterioração do presente.

**Marta Morueco O'Mullony** busca, por fim, as origens históricas e iconográficas da mítica Lilith, símbolo do pecado e do caráter negativo da mulher pela tradição hebraica. A pesquisadora adota, como referencial, os *estudos de gênero*, com vistas a perceber como a imagem de Lilith evolui, ao longo dos séculos, para a da estereotipada *femme fatale* de fins do século XIX. Para Morueco O'Mullony, o debate acerca do papel da mulher no mundo da arte como *musa*, e não como *sujeito ativo*, continua atual.

\*\*\*

Os trabalhos dessa publicação do *Institut d'Etudis Medievales* testemunham a multiplicidade de perspectivas e abordagens dos temas tratados por seus articulistas, além de reiterar o compromisso de *Mirabilia Ars* com a cooperação acadêmica internacional. Agradecemos a todos os colegas que contribuíram com a presente edição

---

<sup>4</sup> BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. *In: Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

<sup>5</sup> DIDI-HUBERMAN, Goerges. *Diante do tempo. História da Arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (orgs.). *Mirabilia Ars 11 (2019/2)*

*Metaphors and Symbols in Art History*  
*Metáforas y Símbolos en la Historia del Arte*  
*Metáforas e Símbolos na História da Arte*

Jul-Dez 2019/ISSN 1676-5818

e reafirmamos o nosso desejo de sempre apresentarmos à comunidade de pesquisadores uma publicação de alto impacto – alocada em mais de oitenta indexadores –, calcada na interdisciplinaridade e na internacionalização do conhecimento. Vida longa a *Mirabilia Ars*!